


Jorge Luis Borges

# Biblioteca Pessoal

Tradução de Cristina Rodriguez  
e Artur Guerra

 QUETZAL | série Jorge Luis Borges

## Prólogo

**A**o longo do tempo, a nossa memória vai formando uma biblioteca díspar, feita de livros, ou de páginas, cuja leitura foi uma felicidade para nós e que gostaríamos de partilhar. Os textos dessa biblioteca íntima não são forçosamente famosos. A razão é clara. Os professores, que são quem dispensa a fama, interessam-se menos pela beleza do que pelos vaivéns e pelas datas da literatura e pela prolixa análise de livros que se escreveram para essa análise, não para o prazer do leitor.

A série que prologo e que já entrevejo quer dar esse prazer. Não escolherei os títulos em função dos meus hábitos literários, de uma determinada tradição, de uma determinada escola, de tal país ou de tal época.

«Que outros se gabem dos livros que lhes foi dado escrever; eu gabo-me daqueles que me foi dado ler», disse eu uma vez. Não sei se sou um bom escritor; penso ser um excelente leitor ou, em todo o caso, um sensível e agradecido leitor. Desejo que esta biblioteca seja tão diversa como a não saciada curiosidade que me induziu, e continua a induzir-me, à exploração de tantas

linguagens e de tantas literaturas. Sei que o romance não é menos artificial do que a alegoria ou a ópera, mas incluirei romances porque também eles entraram na minha vida. Esta série de livros heterogêneos é, repito, uma biblioteca de preferências.

María Kodama e eu errámos pelo globo da terra e da água. Chegámos ao Texas e ao Japão, a Genebra, a Tebas e, agora para juntar os textos que foram essenciais para nós, percorreremos as galerias e os palácios da memória, como escreveu Santo Agostinho.

Um livro é uma coisa entre as coisas, um volume perdido entre os volumes que povoam o indiferente Universo, até que encontra o seu leitor, o homem destinado aos seus símbolos. Acontece então a emoção singular chamada beleza, esse mistério belo que nem a psicologia nem a retórica decifram. «A rosa é sem porquê», disse Angelus Silesius; séculos depois Whistler declararia «A arte acontece».

Oxalá que sejas o leitor que este livro aguardava.

*J.L.B.*

# Julio Cortázar

## CONTOS

**E**m mil novecentos e quarenta e tantos, eu era secretário de redação de uma revista literária, mais ou menos secreta. Certa tarde, uma tarde como tantas outras, um rapaz muito alto, cujos traços não consigo recuperar, trouxe-me um conto manuscrito. Disse-lhe que voltasse dali a dez dias e que lhe daria o meu parecer. Voltou dali a uma semana. Disse-lhe que o seu conto me agradava e que já tinha sido entregue na tipografia. Pouco depois, Julio Cortázar leu em letras de imprensa «Casa Tomada» com duas ilustrações a lápis de Norah Borges. Passaram-se os anos e ele confiou-me, uma noite em Paris, que aquela fora a sua primeira publicação. Honra-me ter sido o seu instrumento.

O tema daquele conto é a ocupação gradual de uma casa por uma presença invisível. Em obras posteriores, Julio Cortázar retomá-lo-ia de uma forma mais indireta e, portanto, mais eficaz.

Quando Dante Gabriel Rossetti leu o romance *O Monte dos Vendavais* escreveu a um amigo: «A ação decorre no inferno, mas os lugares, não sei porquê, têm

nomes ingleses.» Algo análogo acontece com a obra de Cortázar. As personagens da fábula são deliberadamente triviais. Rege-as uma rotina de amores casuais e de discórdias casuais. Movem-se entre coisas triviais: marcas de cigarro, montras, balcões, uísque, farmácias, aeroportos e cais. Resignam-se aos jornais e à rádio. A topografia corresponde a Buenos Aires ou a Paris, e podemos acreditar a princípio que se trata de meras crónicas. Pouco a pouco sentimos que não é assim. Muito subtilmente o narrador atraiu-nos para o seu terrível mundo, em que a felicidade é impossível. É um mundo poroso, em que se entretecem os seres; a consciência de um homem pode entrar na de um animal ou a de um animal num homem. Também se joga com a matéria de que somos feitos, o tempo. Nalguns contos fluem e confundem-se duas séries temporais.

O estilo não parece cuidado, mas cada palavra foi escolhida. Ninguém pode contar o argumento de um texto de Cortázar; cada texto consta de determinadas palavras numa determinada ordem. Se tentarmos resumir-lo verificamos que algo precioso se perdeu.

## EVANGELHOS APÓCRIFOS

Ler este livro é regressar de um modo quase mágico aos primeiros séculos da nossa era quando a religião era uma paixão. Os dogmas da Igreja e os raciocínios do teólogo aconteceriam muito depois; o que importou a princípio foi a nova de que o Filho de Deus fora, durante trinta e três anos, um homem, um homem flagelado e sacrificado, cuja morte havia redimido todas as gerações de Adão. Entre os livros que anunciavam essa verdade estavam os Evangelhos Apócrifos. A palavra *apócrifo* agora quer dizer falsificado ou falso; o seu primeiro sentido era oculto. Os textos apócrifos eram os vedados ao vulgo, os de leitura só permitida a uns poucos.

Para lá da nossa falta de fé, Cristo é a figura mais viva da memória humana. Coube-lhe em sorte pregar a sua doutrina, que hoje abarca o Planeta, numa província perdida. Os seus doze discípulos eram iletrados e pobres. Exceto aquelas palavras que a sua mão traçou na Terra e que apagou a seguir, nada escreveu. (Também Pitágoras e Buda foram mestres orais.) Nunca usou

argumentos; a forma natural do seu pensamento era a metáfora. Para condenar a pomposa vaidade dos funerais afirmou que os mortos enterrarão os seus mortos. Para condenar a hipocrisia dos fariseus disse que eram sepulcros branqueados. Jovem, morreu obscuramente na cruz, que naquele tempo era um patíbulo e que agora é um símbolo. Sem suspeitar o seu vasto porvir, Tácito menciona-o de passagem e chama-lhe Cresto. Ninguém como ele governou, e continua a governar, o curso da História.

Este livro não contradiz os evangelhos do cânone. Narra com estranhas variações a mesma biografia. Revela-nos milagres inesperados. Diz-nos que com cinco anos Jesus modelou umas andorinhas com argila que, perante a estupefação das crianças que brincavam com ele, levantaram voo e se perderam no ar cantando. Atribuiu-lhe também milagres cruéis, próprios de uma criança todo-poderosa que não atingiu ainda o uso da razão. Para o Antigo Testamento, o Inferno (*sheol*) é a sepultura; para os tercetos da *Comédia*, um sistema de prisões subterrâneas de topografia precisa; neste livro é uma personagem soberba que dialoga com Satanás, Príncipe da Morte, e que glorifica o Senhor.

Juntamente com os livros canónicos do Novo Testamento, estes Evangelhos Apócrifos, esquecidos durante tantos séculos e recuperados agora, foram os instrumentos mais antigos da doutrina de Jesus.



# Índice

Prólogo	7
Julio Cortázar CONTOS	9
EVANGELHOS APÓCRIFOS	11
Franz Kafka AMÉRICA. NARRATIVAS BREVES	13
Gilbert Keith Chesterton A CRUZ AZUL E OUTROS CONTOS	15
Maurice Maeterlinck A INTELIGÊNCIA DAS FLORES	17
Dino Buzzati O DESERTO DOS TÁRTAROS	19
Henrik Ibsen PEER GYNT. HEDDA GABLER	21
José Maria Eça de Queirós O MANDARIM	23
Leopoldo Lugones O IMPÉRIO JESUÍTICO	25

André Gide	
OS MOEDEIROS FALSOS	27
Herbert George Wells	
A MÁQUINA DO TEMPO. O HOMEM INVISÍVEL	29
Robert Graves	
OS MITOS GREGOS	31
Fedor Dostoiévski	
OS DEMÓNIOS	33
Edward Kasner & James Newman	
MATEMÁTICAS E IMAGINAÇÃO	35
Eugene O'Neill	
O GRANDE DEUS BROWN. ESTRANHO INTERLÚDIO. ELECTRA E OS FANTASMAS	37
Ariwara No Narihira	
CONTOS DE ISE	39
Herman Melville	
BENITO CERENO. BILLY BUDD. BARTLEBY	41
Giovanni Papini	
O TRÁGICO QUOTIDIANO. O PILOTO CEGO. PALAVRAS E SANGUE	45
Arthur Machen	
OS TRÊS IMPOSTORES	47
Frei Luis de León	
CÂNTICO DOS CÂNTICOS. EXPOSIÇÃO DO LIVRO DE JOB	49
Joseph Conrad	
CORAÇÃO DE TREVAS. NO EXTREMO LIMITE	51
Oscar Wilde	
ENSAIOS E DIÁLOGOS	53

Henri Michaux	
UM BÁRBARO NA ÁSIA	55
Hermann Hesse	
O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO	57
Enoch A. Bennett	
ENTERRADO VIVO	59
Cláudio Eliano	
HISTÓRIA DOS ANIMAIS	61
Thorstein Veblen	
A TEORIA DA CLASSE OCIOSA	63
Gustave Flaubert	
A TENTAÇÃO DE SANTO ANTÃO	65
Marco Polo	
A DESCRIÇÃO DO MUNDO	67
Marcel Schwob	
VIDAS IMAGINÁRIAS	69
George Bernard Shaw	
CÉSAR E CLEÓPATRA. COMANDANTE BÁRBARA. CÂNDIDA	71
Francisco de Quevedo	
A FORTUNA COM JUÍZO E A HORA DE TODOS. MARCO BRUTO	73
Eden Phillpotts	
OS VERMELHOS REDMAYNES	75
Sören Kierkegaard	
TEMOR E TREMOR	79
Gustav Meyrink	
O GOLEM	81
Henry James	
A LIÇÃO DO MESTRE. A VIDA PRIVADA.	
O DESENHO NO TAPETE	83

Heródoto	
OS NOVE LIVROS DA HISTÓRIA	85
Juan Rulfo	
PEDRO PÁRAMO	87
Rudyard Kipling	
CONTOS	89
William Beckford	
HISTÓRIA DO CALIFA VATHEK	93
Daniel Defoe	
A VIDA AMOROSA DE MOLL FLANDERS	95
Jean Cocteau	
O SEGREDO PROFISSIONAL	99
Thomas de Quincey	
OS ÚLTIMOS DIAS DE IMMANUEL KANT E OUTROS ESCRITOS	101
Ramón Gómes de la Serna	
PRÓLOGO À OBRA DE SILVERIO LANZA	103
(Seleção de Antoine Galland)	
AS MIL E UMA NOITES	105
Robert Louis Stevenson	
AS NOVAS MIL E UMA NOITES. MARKHEIM	107
Léon Bloy	
A SALVAÇÃO PELOS JUDEUS. O SANGUE DO POBRE.	
NAS TREVAS	111
BAGAVAGUITÁ. A EPOPEIA DE GILGAMESH	113
Juan José Arreola	
CONTOS FANTÁSTICOS	115
David Garnett	
A MULHER-RAPOSA. UM HOMEM NO JARDIM ZOOLOGICO.	
O REGRESSO DO MARINHEIRO	117

Jonathan Swift	
AS VIAGENS DE GULLIVER	119
Paul Groussac	
CRÍTICA LITERÁRIA	121
Manuel Mujica Láinez	
OS ÍDOLOS	123
Juan Ruiz	
LIVRO DE BOM AMOR	125
William Blake	
POESIA COMPLETA	127
Hugh Walpole	
POR CIMA DA PRAÇA ESCURA	129
Ezequiel Martínez Estrada	
OBRA POÉTICA	131
Edgar Allan Poe	
HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS	133
Públio Virgílio Marão	
ENEIDA	135
Voltaire	
CONTOS	139
J.W. Dunne	
UMA EXPERIÊNCIA COM O TEMPO	141
Attilio Momigliano	
ENSAIO SOBRE <i>ORLANDO FURIOSO</i>	143
William James	
AS VARIEDADES DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: UM ESTUDO SOBRE A NATUREZA HUMANA	145
Snorri Sturluson	
SAGA DE EGIL SKALLAGRIMSSON	149